

12/7/1987

Sertãozinho, trabalho de sol a sol

Lázaro de Souza

SERTÃOZINHO (SP) — Pela primeira vez desde que há dez anos aprendeu o ofício de fundidor, o metalúrgico João Mendes Antero, 27 anos, foi obrigado a cortar cana numa das muitas fazendas da rica região de Ribeirão Preto, no interior paulista, para sustentar mulher e dois filhos. Demitido há mais de um mês da Metalúrgica Pama, uma empresa local, Antero, que tem 27 anos, não viu outra alternativa após perambular por várias indústrias da região em busca de trabalho.

Antero, naturalmente, está longe de ser um caso isolado de trabalhador que teve que abandonar a profissão original para sobreviver nesses tempos de pós-Cruzado. Na própria turma em que anta cana existe um outro metalúrgico, José Aparecido Rosa Batista, 28 anos, solteiro, que também foi obrigado a trocar a caldeira pelo facão. De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos desta cidade a 350 km de São Paulo, é hoje bastante comum encontrar metalúrgicos no corte de cana, embata não se tenham um levantamento completo de quantos dos 500 metalúrgicos demitidos nos últimos dois meses na cidade estão hoje cortando cana.

Tanto Antero quantas Rosa Batista encaram o corte de cana como um quebra-galho, um emprego temporário até passar a crise. "Essa vida de cortar cana é muito dura. Eu só venho mesmo porque não tenho outra saída e lá em casa tenho dois filhos e a mulher pra cuidar", reclama Antero.

Os ex-metalúrgicos queixam-se também da falta de garantias do trabalho rural, pois enquanto o operário da indústria tem assegurado, chova ou faça sol, seus salários, seu direito a férias, a aposentadoria e ao Fundo de Garantia, além de algum tipo de assistência de saúde, seu colega da roça, apesar dos avanços conseguidos nos últimos anos, vive situação bem mais precária.

Na questão salarial até que a diferença não chega a ser muito grande. Antero, antes de ser mandado embora, ganhava entre CZ\$ 6 mil e 7 mil. No corte de cana, ganhando em média CZ\$ 350 por dia, ele consegue um salário mensal na casa dos CZ\$ 6 mil e 500. "A diferença — conta Antero — é que o desgaste físico no canavial é o dobro da indústria e aumenta também a necessidade de se comer uma comida mais reforçada para agüentar o ritmo de trabalho".

Antero lembra que muitos não suportam e param na primeira semana. Foi o caso de três pedreiros que começaram a cortar cana junto com ele e não continuaram. A falta de prática dos ex-metalúrgicos também é um obstáculo, já que eles cortam sempre menos cana que os profissionais. Essa falta de habilidade levou José Aparecido Rosa Batista, há menos de uma semana no novo batente, a acidentar-se e sofrer um talho na perna, que lhe custou quatro pontos.

Essa alternativa que o corte de cana e a colheita da laranja oferece aos desempregados da região de Ribeirão preto, uma das mais desenvolvidas do país, onde a renda per-capta chega a 5 mil e 500 dólares — o dobro da média nacional — começa a ser ameaçada pelo avanço dos chamados migrantes, pessoas de Minas Gerais, Bahia e até Pernambuco que são atraídas pela perspectiva de emprego ou trazidas pelos usineiros paulistas para rebaixar os salários vigentes. Muitos metalúrgicos desempregados já procuraram emprego no corte de cana e não acharam.

O gato José Luiz Gomes Ferreira, conhecido na região como Zé Pretinho, é agenciador dos dois metalúrgicos desempregados, testemunha que a cada dia aumenta os números de pessoas desejosas se juntar à sua turma. Zé Pretinho, que como empreiteiro de mão-de-obra garante uma renda mensal de CZ\$ 80 mil, é muito respeitado por seus "contratados" por simbolizar, em épocas de crise como agora, certeza de trabalho.

Ele alega que os empregos gerados pelas 29 usinas e 21 destilarias da região de Ribeirão Preto são hoje disputados não apenas por metalúrgicos desempregados, mas pelos migrantes. A estimativa da Secretaria do Trabalho de São Paulo é que este ano o número de migrantes na região deverá chegar a 40 mil pessoas. Ela vêm, ou são trazidas, do Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas Gerais e da Bahia, e este ano começaram a chegar também as primeiras levas de trabalhadores pernambucanos. Calcula-se que cerca de 30% dos migrantes vêm sozinhos do Jequitinhonha em busca de uma vida melhor, e o interior paulista retém muitas destas pessoas, impedindo que elas cheguem até a capital.

Na maioria dos casos, a esses migrantes são prometidas muitas coisas: casa, comida, roupa lavada, bons salários e boas condições de trabalho.

(Página 37)